

Palestra do Guia Pathwork® n° 094

Palestra Não Editada

8 de dezembro de 1961

O EU VERDADEIRO VERSUS OS NÍVEIS SUPERFICIAIS DA PERSONALIDADE; PECA-DO E NEUROSE; CONCEITOS DIVIDIDOS QUE GERAM CONFUSÃO

Saudações, caríssimos amigos. Deus abençoe a todos vocês e seus entes queridos. Abençoada seja esta hora.

Quanto mais vocês trabalham neste caminho e compreendem a natureza dele, mais passam a entender a meta que é encontrar o seu eu real, o seu verdadeiro ser, as camadas por baixo de camadas do eu que, à primeira vista, parecem ser a sua personalidade. Mas quanto mais avançam, mais percebem que não se trata do seu eu real, e sim de tendências e traços artificiais que cultivaram por tanto tempo, que elas passaram a ser sua segunda natureza, e assim parecem ser vocês. Quando pensamos no eu real, sabemos que ele representa a centelha divina. Inconscientemente, o conceito que vocês têm disso é que o eu real é tão elevado e santo que é totalmente alheio ao eu que vocês conhecem. Isso não apenas assusta um pouco, mas também os desanima. Esse é um dos maiores obstáculos no caminho para o eu real. O eu real, de fato, está muito mais perto de vocês do que imaginam. Na verdade, existem áreas na sua vida em que vocês agem a partir do eu real, mas não sabem disso porque é um processo muito natural. Por enquanto, vocês não conseguem distinguir esse tipo de ação e a ação que vem das camadas superficiais.

Vocês supõem que o eu real e divino aparece na forma de uma perfeição rígida com um padrão uniforme. Isso os atrapalha mais que as suas imperfeições. A sua concepção equivocada da perfeição divina os leva, por um lado, à rigidez e à compulsão, e por outro lado, à revolta contra ela. Vocês ignoram a verdade vital de que a imperfeição pode levar à perfeição, e no momento pode até ser a perfeição. Pois a perfeição, no sentido real divino, é relativa e depende mais da atitude da pessoa em relação a si mesma e a seus atos do que de um ato perfeito como tal. Em outras palavras, não se trata do que vocês fazem, e sim de como fazem. O ato que é considerado certo pelo mundo inteiro e de acordo com todas as leis espirituais pode ser desonesto. Vocês podem estar divididos nesse ato e podem praticá-lo por medo, compulsão e, assim, por vontade de receber amor e aprovação. Nesse caso não é o eu real que age, independentemente da perfeição que a ação exterior possa aparentar. Por outro lado, o ato de vocês pode ser condenado pelo mundo. Pode ser contraditório com o produto final acabado da perfeição. Mas no seu estado atual, ele é não apenas inevitável, mas até mesmo necessário. Vocês se mostram como são, de acordo com sua natureza, com sua trajetória interior de crescimento. Se vocês são autênticos quando o praticam, assumem total responsabilidade por ele, estão prontos para arcar com as consequências, esse ato imperfeito é mais perfeito, mais de acordo com a sua verdade do que o ato anterior. Isso não é fácil de entender e exige uma certa dose de insight e avanço. Certamente não pode ser abordado com superficialidade e irresponsabilidade. Não se deve jamais confundir esse ato com a vontade infantil, o desejo de obter algo em troca de nada.

Eva Broch Pierrakos

© 1999 The Pathwork® Foundation (An Unedited Lecture)

Agora, por difícil que seja traduzir isso em palavras, vamos tentar determinar a diferença entre o eu autêntico, verdadeiro, e o eu superficial. Sempre que vocês agem a partir do eu real, estão totalmente unidos interiormente. Não existe dúvida, nem confusão, nem ansiedade, nem tensão. Vocês não estão preocupados com a aparência do ato aos olhos dos outros. Tampouco estão preocupados com o princípio ou regra. Mas estão preocupados com o efeito do seu ato sobre os outros e sobre si mesmos, sobre as consequências. E vocês escolhem essa alternativa porque, apesar de reconhecerem suas imperfeições, ela lhes parece menos imperfeita que qualquer outra alternativa. Ela corresponde à sua natureza mais interior. Isso não se aplica, naturalmente, a atos grosseiramente destrutivos.

Neste caminho, vocês também aprendem a analisar o que é realmente destrutivo e o que não é. Muitas vezes vocês deixam totalmente de fazer essa avaliação porque estão muito condicionados a aceitar regras já prontas. As regras ficam na frente de vocês, bloqueando o problema real, impedindo que vocês vejam os fatores que estão por trás delas. Esses fatores podem ou não ser contrários à regra rígida. Enquanto vocês não tiverem coragem de examinar as questões, deixando de lado a regra, não poderão assumir sua identidade. Não poderão adquirir a verdadeira autoconfiança, que não pode ser obtida de nenhum outro modo. Pois essa atitude requer coragem – coragem, pois vocês se dispõem a arcar com as consequências. Exige coragem porque vocês cortam o laço de dependência das regras e regulamentos e, dessa forma, da aprovação pública – coragem de cometer um erro, se preciso, e sabedoria, porque vocês sabem que o erro em si não é tão importante, o que importa é a sua atitude em relação a ele.

Muitos de vocês, meus amigos, já descobriram alguns desses aspectos. Alguns começaram a agir e a reagir de acordo com essa verdade. Mas mesmo esses ainda deixam de ver outras áreas da vida em que o reconhecimento ainda não foi feito. Quanto mais longe vocês caminham nessa estrada, mais ficarão conscientes de tudo isso. Neste momento, esse tema precisa ser enfatizado, pois a mente tende a esquecer. Para aqueles que ainda não tiveram esse insight vital, é algo que merece meditação.

O eu superficial pode praticar um ato que é correto por todas as normas conhecidas. No entanto, vocês se sentem confusos. Aparece uma ansiedade. Por outro lado, a linha de ação oposta é claramente destrutiva, e embora vocês possam querer segui-la, não o fazem porque não querem causar mal aos outros. Portanto, ficam divididos. Isso indica que as duas alternativas têm origem na visão do eu superficial. Isso também pode ser verdadeiro quando duas alternativas, que não parecem ser nem particularmente construtivas nem destrutivas, os deixam igualmente insatisfeitos. Nos dois casos, vocês ficam confusos porque o eu real está encoberto e todas as alternativas a seu alcance vêm das camadas exteriores.

Para qualquer lado que se voltem, a alternativa é sempre a vontade do eu infantil ou uma regra ou princípio rígidos. O princípio, aliás, pode ter sido criado por vocês mesmos, e nem sempre está de acordo com a opinião pública. Essas duas alternativas os deixam extremamente insatisfeitos. Vocês andam em círculos, sem conseguirem encontrar a saída, porque se concentram no resultado do ato, acreditando que um precisa estar certo e outro, errado, quando sentem que os dois estão errados, no que diz respeito à sua paz de espírito. Cada alternativa seria desonesta à sua maneira – uma porque a criança ávida quer agarrar, a outra porque revela apenas conformismo e obediência, em vez de basear-se na convicção.

Sempre que vocês estão em crise e confusos, essa é a dificuldade por que passam. A confusão é maior quando vocês não estão claramente cientes desse problema. O primeiro passo é esclarecer a questão com a maior concisão possível. Mesmo antes de vocês poderem resolver esse conflito, porque ainda não encontraram a saída, vocês vão ficar aliviados porque, pelo menos, vão ver claramente do que se trata.

Quando falo de atos, não me refiro apenas a feitos exteriores. Todos os pensamentos, emoções, decisões interiores, padrões internos de comportamento também são atos. Pois bem, os atos provenientes do eu exterior sempre os colocam numa armadilha. Como eu acabei de dizer, não há alternativa discernível que constitua uma solução real. A pessoa pode estar certa por fora e sentir-se errada e ficar confusa, infeliz, em dúvida. Ou as duas alternativas podem ser igualmente insatisfatórias para todos os envolvidos. Portanto, vocês se sentem impotentes. Desejam e esperam uma solução trazida pela vida, porque não conseguem lidar com o problema. Essa impotência, essa fraqueza, como já dissemos anteriormente, são um sinal de que o que está em cena é a parte imatura e distorcida da personalidade. Quando vocês são maduros e inteiros, jamais dependem das circunstâncias externas. Conseguem lidar com a situação, e mesmo que um determinado curso de ação seja difícil, ficam plenamente em paz consigo mesmos.

É preciso avançar muito neste trabalho e entender determinados conflitos e distorções pessoais para que vocês enxerguem o problema de frente, especificamente nas áreas em que se sentem irremediavelmente tolhidos porque só vêem duas alternativas insatisfatórias, e optam por uma delas que parece ser a menos ruim. Que essa situação gere tensão, ansiedade, hostilidade e descontentamento é muito natural. Até certo ponto, é possível que às vezes vocês consigam reprimir essas emoções, mas elas acabarão vindo à tona da forma mais destrutiva, quando vocês menos desejam que isso aconteça, e quando já não se lembram da verdadeira razão de sua sensação de mal-estar. Antes de optarem, é possível que vocês atravessem etapas de luta interior. Vocês procuram encontrar uma solução pelo raciocínio, por decisões intelectuais que se aplicam à situação externa. No entanto, dessa forma, por mais sabedoria e verdades que vocês ouçam do exterior e procurem assimilar, elas de nada valem. Por dentro, algo continua travado. Vocês não conseguem sair dessa confusão, dessa armadilha.

Há pouco tempo discuti esse tema num contexto um pouco diferente. Também falei do ponto de renúncia. Agora vamos aplicar essas duas noções à libertação do eu real.

Meus queridos amigos, sempre que vocês se sentem irremediavelmente presos a uma situação em que todas as alternativas disponíveis são insatisfatórias, vocês estão nessa situação porque o eu real não consegue se manifestar e guiar vocês. A única maneira de libertar suficientemente o eu real é descobrir qual é o seu ponto de renúncia específico, que está oculto em algum lugar, exatamente no problema com o qual vocês estão lidando. Depois que descobrirem esse ponto de renúncia, duas alternativas são surgir aos poucos. Uma será a adesão a um princípio rígido, seja geral ou próprio de vocês; a outra será a do eu real, que enxerga um meio que pode ser imperfeito no momento, mas que vocês estão dispostos a tentar, com tudo que ele acarreta.

Eu afirmei antes e repito agora que esse ponto de renúncia não pode ser descoberto arbitrariamente, nem por qualquer processo intelectual. Ele só pode ser encontrado indiretamente pelo trabalho de autoconhecimento, com mais ajuda e assistência. Subitamente, o ponto de renúncia vai se tornar visível, nítido, forte. Pode ser algo muito sutil. Pode não dizer respeito absolutamente a uma

renúncia exterior ou material, mas simplesmente a uma atitude, a um apego emocional a alguma coisa. Mas vocês precisam estar cientes de que a paz, a força, a autoconfiança que decorrem da identidade só podem ser atingidas quando se encontra o ponto de renúncia.

Portanto, sempre que vocês estiverem atravessando essa crise de confusão, enredados na impotência, fatalmente descobrirão que estão se apegando firmemente a alguma coisa, alguma coisa que acham que precisam ter. Existe uma forte necessidade envolvida, seja verdadeira ou falsa, substituindo a real. Quando vocês descobrirem esse ponto de renúncia, como eu disse na palestra, verão que não sacrificam nada ao renunciar, mas sim que vão renunciar apenas a uma ilusão, a uma corrente forçada, a uma falsa necessidade – algo que de qualquer forma não poderão ter à força. Portanto, vocês não vão se sacrificar, vão adotar uma atitude mais sensata e realista a esse respeito. Vão entender que, se não renunciarem, vocês mesmos se colocam na armadilha, se tornam fracos, dependentes, impotentes. Assim, o eu verdadeiro não pode se manifestar. Até agora, o preço que vocês pagam por se apegarem àquilo a que deveriam renunciar é enorme. Vocês se privam da paz, da força, da autoconfiança, tornam impossível a satisfação de uma necessidade verdadeira, na medida em que mantêm uma ilusão, o desejo de receber alguma coisa de graça. A resistência inconsciente à renúncia é a razão mais forte da inferioridade, desprezo por si mesmo, culpa, fraqueza, necessidades insatisfeitas, e muitos outros atritos e dificuldades que daí resultam.

Muito do que acabei de dizer eu já disse anteriormente em outros contextos. Agora, simplesmente associei uma série de temas que temos discutido ultimamente, mostrando a vocês como podem utilizar esses diversos temas e transformá-los num todo, desde que o trabalho interior os leve ao aspecto correspondente em seu interior.

Depois que vocês atingirem essa área interior, por meio do pensamento, do sentimento, do trabalho, podem começar a fazer uma experiência interessante. Observem sua vida anterior do ponto de vista dos momentos em que estiveram confusos e dependentes, e dos momentos em que se sentiram livres e autênticos. Ao observarem a diferença, vocês verão que sempre, na sua vida, em que o eu real veio à tona, vocês renunciaram a alguma coisa. Pensem no lado positivo, pois isso pode tornar muito mais fácil vocês descobrirem o negativo. Dessa forma também vai ficar mais fácil eliminar a resistência em renunciar, porque a própria experiência de vocês vai mostrá-la como algo extremamente bom e favorável. É a realidade, enquanto a ilusão apenas gera conflito. Ao descobrirem em que aspectos, através do desenvolvimento natural, o seu eu real se manifestou no passado, vocês também vão ver que não se trata de uma coisa distante, alheia. É o eu conhecido de vocês, no melhor sentido.

De vez em quando alguém me pergunta por que razão o enfoque destas palestras, nos últimos tempos, tem sido cada vez mais psicológico e não espiritual. Já dei a vocês várias respostas, motivos e explicações. Agora gostaria de chamar sua atenção para os seguintes fatores. A área da sua personalidade em que existem conflitos e imaturidade, o que a moderna psicologia chama de “neurose”, no fundo nada mais é do que aquilo que a religião e a espiritualidade chamam de “pecado” ou “mal”. É tudo a mesma coisa. Eu expliquei a vocês por que evitamos usar o termo pecado. Por causa dos seus sentimentos destrutivos de culpa, por um lado, e da sua tendência moralizante e de idealização da autoimagem, por outro, os termos “pecado” e “mal” constituem um obstáculo ainda maior do que aqueles que vocês já encontram neste caminho. Como muitas vezes vocês apresentam forte tendência à autopunição e à autodestruição, foi preciso fomentar, pelo maior prazo possível, um espírito de autoaceitação, perdão e tolerância para com vocês mesmos.

No entanto, chega um momento no trabalho em que é necessário que vocês se aproximem e encarem a área conturbada em seu íntimo sem rodeios – que vocês vejam a realidade nua e crua, sem disfarces, sem fugir de nada que ali está, com todo o seu impacto. Onde quer que existam as suas distorções, imagens, repressões, imaturidades – em síntese, suas neuroses – ali também existem pecado e mal. A neurose significa sempre uma falha de caráter. Vocês já descobriram, e verão ainda mais claramente, como as distorções não apenas os prejudicam, atrapalham sua felicidade, mas inevitavelmente fazem o mesmo com as pessoas com quem vocês se envolvem e que estão próximas. A chamada neurose é sempre egoísmo, cobiça, orgulho, covardia, egocentrismo, crueldade, de uma forma ou de outra.

Se vocês encararem os seus atos, reações e atitudes originários de uma área conturbada – não do eu verdadeiro – e considerarem seu efeito sobre os outros, além da desvantagem que causam a vocês, vão adquirir uma nova perspectiva e ver que é possível aceitarem e perdoarem a si mesmos, embora conhecendo a “situação de pecado” intrínseca. Vocês não mais serão obrigados a ficar entre as alternativas da autoaceitação e autoleniência, ou arrependimento e ódio por si mesmos. Num plano do seu ser, o dilema é esse. Aliás, esse é um exemplo típico de um dos conflitos de que falei anteriormente. Vocês vêem essas duas alternativas, e nenhuma delas é construtiva. Esse conflito pode não ser nem um pouco consciente, mas explica muitas atitudes de resistência. Intimamente, vocês estão confusos e oscilam entre as duas alternativas. Repetidas vezes, ouvem que devem aprender a aceitar, a perdoar, a gostar de si mesmos apesar de todas as suas imperfeições. Mas ao mesmo tempo ouvem falar da necessidade de verem a si mesmos “realisticamente”, para que aumente seu desejo de mudar. O desejo de mudar só pode brotar do arrependimento autêntico e verdadeiro. É uma força, uma coragem que tem como primeiro passo a aceitação da cegueira, da ignorância, das imperfeições que ainda existem, sabendo que tudo isso, em essência, são falhas de caráter. Na sua confusão, vocês vêem em cada uma das duas alternativas – autoaceitação e perdão em contraposição à vontade de mudar – um lado positivo e um negativo, e portanto, não conseguem conciliar as duas coisas. Vocês têm medo de perdoar a si mesmos, porque temem seu próprio anseio pela leniência consigo mesmos. Também têm medo de encarar plenamente o que é prejudicial, que também causa dano aos outros, porque temem a punição do ódio que sentem por si próprios.

Quando vocês perceberem de fato que essa alternativa é uma ilusão e só existe por causa de sua confusão, dois aparentes opostos se transformarão em um todo, sem nenhum aspecto negativo. As duas negativas se anularão. Elas são uma divisão, associada à divisão de uma ideia positiva. Perdoar a si mesmo e encarar plenamente os próprios “pecados” é uma atitude que tem origem na coragem, na humildade, na vontade de assumir a responsabilidade por si mesmo, enquanto a leniência e o ódio com o eu derivam da covardia, do orgulho, da vontade de não mudar mas fazer o mundo mudar, e da falta de responsabilidade por si mesmo. A divisão das tendências positiva e negativa resulta em confusão, da mesma maneira que a divisão da entidade inteira original, com toda a sua confusão e escuridão, acarretada pela queda.

Enquanto houver tal confusão em vocês, o verdadeiro eu não poderá mostrar-lhes o caminho desimpedido. Vocês puxam para os dois lados, e nenhum lhes dá satisfação. Portanto, o próprio ímpeto de vocês fica comprometido. Para compensar, vocês reagem compulsivamente – “preciso fazer o que é certo”, ideia que vocês projetam no mundo. E ficam ressentidos. Lutam contra isso. Desafiam o mundo, querendo ao mesmo tempo fazer a sua vontade prevalecer. Se, por acaso, essa vontade for aparentemente igual às exigências do mundo, a sua revolta contra o mundo os atrapalha

ainda mais. Vocês precisam provar que não abaixam a cabeça quando, na realidade, jamais fariam o que ameaçavam, seja ou não a sua vontade semelhante ao que mundo determina que deve ser.

Essa revolta também tem um aspecto positivo. Ela apresenta a mesma divisão que o conceito de autoaceitação e a vontade de mudar. Se vocês se insurgem contra princípios rígidos, contra o perfeccionismo e contra a conformidade, isso é compatível com a aceitação do inevitável, com a humildade e com a interdependência saudável. Por outro lado, apaziguamento, obediência e dependência têm origem na mesma avidez que a rebeldia e a hostilidade infantis. É sempre a mesma coisa. Quando a verdade se divide, aspectos incompatíveis surgem no horizonte como uma consequência e geram a confusão.

Os dois exemplos que dei mostram como é errado o conceito geral de que uma tendência ou qualidade é em si mesma boa ou má. Isso se aplica apenas a uma área muito flagrante e superficial, e num grau muito limitado. De uma maneira geral, não é verdade. Cada tendência ou qualidade, originalmente, antes da divisão, era boa e construtiva. Ela se torna destrutiva no momento em que surgem a confusão e o equívoco, no momento em que um aspecto da tendência é mal usado pela parte conturbada da alma. Isso, aliado ao equívoco geral que existe no mundo, aumenta a confusão a esse respeito.

E também resulta em dificuldade de comunicação, pois uma pessoa pensa no lado construtivo da tendência em questão, enquanto a outra tem o lado negativo e destrutivo em mente – como, por exemplo, acontece com a rebeldia, o arrependimento ou a autoaceitação. Uma pessoa pode pensar na rebeldia saudável mencionada acima, na força e na maturidade do verdadeiro arrependimento e mudança, na humildade e realismo que a aceitação de si mesmo representa. Outra pessoa pensa no tipo destrutivo de rebeldia, com sua falsa força, desafio e crueldade, na culpa doentia e na autoacusação baseada em falso arrependimento, na autoaceitação baseada na leniência consigo mesmo. Esses são exemplos, mas vocês vão encontrar a mesma coisa em qualquer aspecto ou traço “bom” ou “ruim” que exista. Essa confusão leva ao desentendimento entre as pessoas, mas o que é mais importante, à confusão e ao conflito interiores. Isso, por sua vez, torna ainda mais difícil não se conformar com as regras estabelecidas ou revoltar-se contra tudo que é construtivo, bem como contra o que de fato está errado neste mundo. Esse tipo de revolta não pode fazer nada para mudar a situação, pois para isso é preciso que a pessoa primeiramente mude a si própria.

Toda tendência ou qualidade abrange esses dois lados. Até uma qualidade inquestionável como o amor, a força mais poderosa do universo, muitas vezes é mal entendida e rejeitada por ser vista em sua forma distorcida de falso sacrifício, dominação possessiva, desejo ávido e dependência.

Vamos tomar outra qualidade – a caridade. Ela tem muitas facetas: a caridade do espírito, que se manifesta na tolerância e na compreensão; a caridade de dar coisas materiais; a caridade de sentir pelo outro, que se chama compaixão. Vamos considerar o aspecto da compaixão. Na língua inglesa, na verdade, vocês têm outra palavra que designa o aspecto negativo dela – a pena. Mas isso não acontece em todos os idiomas. No inglês, acontece que é assim, mas no caso de muitas outras tendências ou qualidades, existe apenas uma palavra, o que dá mais margem para confusão. Mas mesmo quando existem dois termos, é muito fácil confundir um com o outro. Quantas vezes uma pessoa sente pena, apesar de estar convencida de que sente compaixão? É sempre tentador orgulhar-se de uma atitude positiva, encobrindo assim uma negativa.

Por que a pena é destrutiva? À parte o óbvio, que todos vocês conhecem perfeitamente bem e que não preciso discutir em mais detalhes, ela também é destrutiva porque os paralisa. Quando há compaixão, vocês são fortes e capazes de ajudar, de fazer alguma coisa pela outra pessoa. Quando sentem pena, vocês não podem fazer nada além de chorar pelo outro, enquanto na realidade choram por si mesmos, por causa de sua má vontade em aceitar a vida e a morte, em assumir responsabilidades por si mesmos para serem capazes de aguentar as vicissitudes da vida. Quando há pena, vocês apenas projetam a sua fraqueza no outro, a sua covardia, sua revolta oculta. Portanto, é uma emoção eminentemente egoísta.

A forma de averiguar se sentem compaixão ou pena é ver se o sentimento lhes dá força pela outra pessoa ou pessoas envolvidas, ou se os enfraquece. Nesse último caso, vocês já conhecem o procedimento a ser seguido – olhar o que está por trás e ver o que vocês conseguem descobrir. Em que aspecto estão sustentando um equívoco? Em que aspecto estão envolvidos em confusão? Que aspecto estão reprimindo? A compaixão os faz sentirem e entenderem, mas ela tem força suficiente para não paralisá-los, para ajudar, se for preciso e, se for para o bem do outro, até com um remédio momentaneamente amargo.

No futuro, vocês vão se deparar com outras tendências que os confundem por causa de uma divisão do conceito. Se tiverem consciência suficiente da sua confusão e dos seus conflitos, isso virá à tona. Antes de eliminar a confusão, vocês já vão ter uma sensação de libertação, pois vão ter plena consciência do problema, vão conseguir enxergá-lo. Nessas ocasiões, eu terei prazer em esclarecer os conceitos confusos e divididos como fiz esta noite.

E agora, se quiserem, podem fazer perguntas.

PERGUNTA: Sempre me senti culpada porque não sentia pena verdadeira da minha mãe. Eu sentia compaixão por ela e, por causa disso, pude ajudá-la. Se eu tivesse tido pena, não teria podido ajudar. Mas apesar disso, apesar de saber disso, me sinto culpada.

RESPOSTA: Mas a culpa, minha querida, você não tem, como você mesmo disse, porque não sentiu pena de verdade. A sua culpa nada tem a ver com pena ou compaixão. Tem a ver com aspectos inteiramente diferentes em que não houve uma abordagem sadia em relação a você mesma e à sua mãe. Como eu lhe disse anteriormente, a sua culpa nada tem a ver diretamente com o seu relacionamento com ela. É um resultado indireto de outros aspectos dentro de você.

PERGUNTA: Com respeito ao que você disse antes, eu breve vou perder meu melhor amigo. Eu gostaria de chegar ao ponto de ter compaixão e não sentir pena de forma alguma.

RESPOSTA: A resposta está contida na palestra. Descubra em que aspecto você se identifica com esse amigo. Você teme passar pela situação pela qual ele está passando. Esse medo foi reprimido, e portanto não pode ser tratado e aceito. Dessa forma, ele se manifesta como pena.

PERGUNTA: Eu sinto mais a perda do que a identificação.

RESPOSTA: Também existe uma identificação. A dor de perder uma pessoa querida é uma dor que precisa ser suportada. Em si mesma, é uma dor saudável que não pode enfraquecer a alma,

desde que seja vivida até o fim. Mas o elemento adicional da sua dor é o medo. E onde existe medo, existe identificação. Essas duas espécies de dor são diferentes, se você investigar suas emoções. A dor da perda não embute o medo, a amargura, a autopiedade, a luta, a dureza contidas na dor da identificação – a pena.

PERGUNTA: Na última palestra, com referência ao mecanismo de defesa, você disse que a defesa básica é um clima interior geral que se sente. Você poderia por favor explicar o que quer dizer com “clima interior”?

RESPOSTA: Se você observar suas emoções, o que aprende cada vez mais a fazer neste caminho, vai detectar o tipo de sentimento cuja melhor descrição é o endurecimento interior. Ele pode nem sempre vir à tona. É preciso haver uma razão ou uma provocação – por exemplo, quando você faz este trabalho com outra pessoa e determinadas áreas são abordadas, ou quando você se depara com crítica ou desaprovação. Você vai detectar um endurecimento, um enrijecimento, um medo, uma apreensão, um desejo de rejeitar seja o que for que vem em sua direção. Você se sente atacado e ameaçado. O seu sentimento, que surge em relação aos elementos que acabei de mencionar, é o seu mecanismo de defesa. Se você o sentir, dará um grande passo adiante, pois começará a ver como reage devido à existência dele e como essa reação é prejudicial a você. Você precisa observar esse clima interior, esse endurecimento, caso contrário não poderá avançar nesse importante aspecto do trabalho.

PERGUNTA: Você não definiu exatamente pena e compaixão, na minha opinião. Gostaria de saber um pouco mais qual é a diferença entre os dois. Me parece que no trabalho que você preconiza, quanto mais aceitamos e entendemos a nós mesmos, mais somos capazes de agir de acordo com uma regra, ou seja, viver em conjunto. Fora isso, quanto mais fazemos este trabalho, nos tornamos menos humanos e mais máquinas. Eu acredito que a própria essência da humanidade é a piedade, e até a autopiedade, porque se uma pessoa não tiver pena de si mesma, ela não será egoísta. Se uma pessoa não for egoísta, ela não é humana, é um deus. Esse não é um comentário intelectual ou teórico, é uma coisa que sinto.

RESPOSTA: Em primeiro lugar, não creio que seja necessário repetir agora a diferença entre compaixão e pena. Minha definição na palestra foi suficiente. Se você a ler, creio que não terá dificuldade alguma em entender. No entanto, se restar alguma dúvida, vou esclarecê-la com prazer depois que você estudar a palestra.

Quanto ao restante da sua pergunta, ela contém uma série de confusões e equívocos. Você diz, por exemplo, que no âmago de todo ser humano existe piedade, de fato autopiedade. Não, isso não é verdade. A piedade ou a autopiedade é o resultado ou o sintoma, nem mesmo do âmago, mas de outro sintoma. Há muitas atitudes e aspectos no ser humano que são parte de uma reação em cadeia. O âmago é o eu real – que com toda certeza não age de acordo com nenhuma regra, nem uma regra geral e exterior, nem mesmo uma regra própria rígida. Sua natureza é de flexibilidade e individualidade.

Embora seja humano ser egoísta, também é humano ser altruísta. Embora seja humano ter autopiedade, também é humano não ter. Não é que uma coisa seja humana e a outra divina. Ambas são humanas. Ocorre com o egoísmo o mesmo que acontece com qualquer outra característica. Existe um tipo saudável, e também um tipo doentio e destrutivo. A sua confusão nesse caso decorre da

ignorância, a esse respeito, na medida em que você acredita que se espera que renuncie a qualquer tipo de egoísmo. Portanto, você se revolta contra isso e não consegue aceitar a renúncia a um tipo de egoísmo que é destrutivo para você e para os outros.

Além disso, eu devo dizer que, se você acredita que o resultado deste trabalho é adequar-se a uma regra e ficar parecido com uma máquina, você não entendeu nem os rudimentos mais elementares do trabalho. Está na hora de você, com sua boa inteligência, entender isso, pelo menos em teoria. Pois a verdade é exatamente o contrário do que você afirmou. É significativo, e isso se aplica a qualquer ser humano, independentemente de sua inteligência, que sempre que existe resistência em entender, a pessoa não apenas não ouve aquilo que não quer entender, mas muitas vezes ouve de fato exatamente o contrário. A essência destas palestras, ensinamentos e do método deste trabalho é libertar vocês de regras prontas, para que se tornem verdadeiros indivíduos. Na palestra de hoje, essa questão foi mais uma vez enfatizada de um novo ângulo.

Você acredita, erroneamente, que a bondade é entediante, sem variação, sempre a mesma insípida falta de individualidade, humor, prazer, inteligência. Você atribui tudo isso à “maldade”. Não errado você está! A bondade é tão cheia de variações quanto a maldade. Somente ela tem mais humor, individualidade e prazer, porque quando o estado é de saúde e maturidade – o que vem a ser o mesmo que “bondade” – você tem mais condições de se expressar, a perspicácia é maior, o escopo de vida é mais profundo e mais amplo. Você confunde bondade com ser um “santarrão” o que, se formos analisar de verdade, é uma qualidade totalmente oposta à bondade. Em essência, ser um santarrão é outro aspecto da maldade que parece tão desejável a você.

Na palestra de hoje eu disse, entre outras coisas, que às vezes é melhor cometer um erro, seguindo a própria cabeça, do que obedecer regras e princípios com os quais você não concorda. Não é significativo que você tenha entendido exatamente o contrário? Será que isso não mostra alguma coisa muito fundamental na sua atitude para consigo mesmo? Está entendendo, meu amigo?

PERGUNTA: Sim, entendi o que você falou. Mas depois o que você vê então, se transforma numa regra, se você diz que eu ou nós ou a humanidade precisamos ter por meta a unificação. Isso é uma regra.

RESPOSTA: Não. Você pode optar por continuar sendo uma criancinha, se quiser. Você não precisa crescer. Mas se quiser crescer e viver uma vida plena e construtiva e realizar a maior parte do seu potencial, você precisa tornar-se você mesmo. Mas a escolha cabe a você.

PERGUNTA: Entendi. Mas quero fazer outra pergunta. Por que, então, pessoas tão avançadas, vamos dizer as pessoas que já estão neste caminho há algum tempo, dizem que, por causa deste trabalho, pelo fato de se conhecerem, de se livrarem de algemas, elas passam a ser capazes de suportar o que nenhum ser humano quer suportar, como os maus modos dos outros, etc.? Pois bem, eu não acho que seja honesto ou que seja o objetivo ser capaz de suportar coisas que são... isso me parece ficar parecido com uma máquina?

RESPOSTA: Aqui existe outra confusão, meu amigo. E a resposta é muito simples. O crescimento, a maturidade, o desenvolvimento tornam você capaz de suportar, se for preciso, aquilo que você é incapaz de alterar. Tornam você capaz de renunciar, para não ter que passar pelo que não precisa – algo que a pessoa imatura não consegue fazer, e portanto as coisas insuportáveis passam a

ser um problema para ela. Você se revolta contra coisas que não pode mudar por estarem além do seu controle. Se você acreditar que a sua rebeldia atenua a dificuldade, está muitíssimo enganado. A verdade é exatamente o contrário. A pessoa madura consegue aguentar o que precisa ser aguentado sem ficar arrasada. Até consegue extrair um benefício dessa situação, devido a sua atitude madura. Isso sem dúvida não a transforma em máquina. Seria mais adequado dizer que a pessoa em constante revolta é uma máquina, e aliás ineficaz. Ela está sempre soltando vapor na atmosfera, e por isso esgota suas forças, tornando-se incapaz de mudar os problemas que poderia mudar, que não estão além do seu controle. Ela não percebe que poderia fazer isso, e nem quer, porque valoriza sua pseudoindividualidade de eterno rebelde. O que faz você acreditar que é mais um indivíduo e menos uma máquina quando berra e luta constantemente, sem haver motivo para tanto? O que faz você acreditar que a pessoa é uma máquina quando ela encara um problema objetivamente e, ao descobrir que existe algo que ela não pode mudar, vai junto com a correnteza, poupando suas forças para as muitas questões que pode mudar e, assim, tornar sua vida mais significativa?

Vou partir agora com bênçãos muito especiais, nesta época do ano, homenageando o maior ser que já viveu, o ser que ensinou e viveu e morreu de acordo com a verdade transmitida tantas vezes de tantas maneiras desde que a terra começou a existir – Jesus Cristo. Sejam abençoados em nome d’Ele, fiquem em paz, e que o seu caminho daqui por diante os leve a perceber que os ensinamentos d’Ele, bem como qualquer outro ensinamento da verdade, não procura fazer com que vocês se conformem, conciliem, se abaiquem e aceitem algo contra sua vontade e suas convicções, transformando vocês em marionetes e santinhos. Bem ao contrário! Se vocês realmente entenderem e seguirem os ensinamentos d’Ele e certos aspectos de Sua vida, vão ver que é assim. O que Ele, como qualquer outro expoente da verdade, ensinou e viveu é exatamente o contrário do que aquilo que a pessoa rebelde mais teme – o conformista santarrão. Prestem atenção, observem a si mesmos e aos outros. Aprofundem-se neste trabalho. Vejam as poucas pessoas que vocês conhecem que já atingiram uma parte desse objetivo, e vocês verão que isso é verdade. Quanto mais uma pessoa é desenvolvida do ponto de vista espiritual e emocional, mais ela está viva, mais é uma pessoa singular, menos é uma máquina, sem falar de sua simpatia, coragem e senso de humor. O verdadeiro eu, seja de quem for, é o oposto total daquilo que vocês temem e que desperta sua rebeldia.

E assim, meus amigos, sejam abençoados em nome do Senhor.

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.